

O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSÁVEL — GUALDINO VALLADARES

NUMERO 3

4.º ANNO

QUINTA FEIRA 22 DE MARÇO DE 1866

INTERIOR

BRAGA

Nos dous numeros precedentes occupámo-nos em expor e desinvolver, sem reboço ou dissimulação de qualidade alguma, a doutrina primaria do nosso programma. Com franqueza e lealdade demos a conhecer o summario de nossas convicções em materia de theoria politica e social.

Agora, porem, chegou a vez de descermos das alturas da generalidade abstracta ao mundo positivo dos factos reaes. Dolorosa necessidade, que para a Imprensa é juntamente um rigoroso dever. Embora! O mesmo sol que illumina a corôa da montanha desce tambem seus raios benéficos ao mais fundo do valle. Aqui como álem é da liberdade que recebemos luz e calor.

Mas aquelles raios, para que a todos toquem e a todos acalentem, é necessario que a instrucção varra e dissipe as nuvens densas de erros e prejuizos, que offuscam o horizonte do espirito popular. A dignidade conscia de homem livre, não a pôde ter aquelle cuja intelligencia se contrae e extorce no in pace da ignorancia. Tambem mal conseguirá a imprensa formar e dirigir a opinião publica, em quanto o ensino primario, universalmente diffundido, não houver desbravado o terreno inóvio que impede, o accesso do livro e do jornal ás classes inferiores da sociedade.

Ao passo que as reformas e as innovações da politica se tornam enigmas cada vez menos comprehensíveis ao commum do povo, abandonado na rudeza e simplicidade primitivas; as oligarchias burguezas tentam substituir-se no governo do estado á soberania legitima da nação. Ignorancia e corrupção foram sempre os declives por onde as democracias escorregaram mais depressa no despotismo.

É por isso que considerámos a escola como o verdadeiro templo da Liberdade: é por isso que queremos n'ella se ensine aos filhos do povo o cathecismo

dos direitos e deveres de cidadão: e que todos alli recebam um novo baptismo de fogo sem o qual não possam entrar na communhão da vida civil e politica. Todavia a instrucção primaria obrigatoria, decretada nos paizes escandinavos, na Suissa, na Prussia e em outros estados da Allemanha, e até no bárbaro imperio ottomano, não passa entre nós de uma utopia brilhante de imaginações escandescidas.

Uma lei nossa de 1844, que sancionava aquelle sublime principio, sorveu-a a voragem do esquecimento; meteo-ro desconhecido, luziu e desapareceu rapidamente no ceo tenebroso da politica d'aquelle tempo! E essa lei citam-na ainda por timbre de nossa gloria nacional os estrangeiros, que não sabem como costumamos applicar o idealismo ás coisas de instrucção publica (para nos servirmos de uma phrase do sr Alexandre Herculano). Com effeito, já nada resta dessa boa semente lançada como por descuido á terra: o vento da indifferença espalhou-a, perden-a por cima dos rochedos aridos das questões economicas e financias.

Quando de espaço a espaço alguma voz solitaria se ergue a proclamar o thema da — instrucção universal e obrigatoria, — o individualismo dominante estremece de horror como se vira resurgir ante si os espectros medonhos das passadas doutrinas socialistas e communistas. Em nome da liberdade de consciencia, em nome da inviolabilidade da familia e das prerogativas pessoas, tenta defender-se igualmente contra os dous inimigos reunidos. Mas se a instrucção fortifica o sentimento da responsabilidade e tende a dilatar a esphera da actividade individual, não deveria o individualismo esperar o triumpho d'onde ao contrario teme a ruina?

E' o que trataremos de analisar em artigos consecutivos. Proseguiremos fortes e inspirados da grande verdade, expressa a este respeito por E. de Girardin nessas singelas e eloquentes palavras:

« Pode existir um estado sem constituições escriptas, sem leis positivas, sem penas corporaes? Direi: póte.

Se me perguntam de que modo? — Respondo: Ministrando a cada um e a todos a instrucção, sem a qual o homem não é socialmente mais que uma creança ou um ilota.»

O Banco do Minho e os depositos dos capitães das irmandades e confrarias.

Pugnar pelos melhoramentos e interesses d'esta bella provincia e d'esta cidade; advogar tudo quanto concorra para o seu progresso, prosperidade e civilização, é um dos fins do Partido Liberal. É por isso que iremos successivamente lembrando as necessidades a que é preciso prover: chamando sobre ellas as attenções dos poderes publicos e esclarecendo a opinião sobre aquelles assumptos que julgamos uteis, mas contra os quaes se levantam desconfianças ou indisposições. E é esta por certo uma das mais elevadas missões da imprensa. Deve ella ser luz do entendimento que esclareça, que instrua, que moralise, e não instrumento para defender o erro, para perverter o juizo, para corromper e desmoralisar os povos. Quando nada possamos conseguir, ficamos-ha ao menos tranquilla a consciencia por termos cumprido o nosso dever.

Criou-se ha tempos n'esta cidade o Banco do Minho, estabelecimento inteiramente util, que honra a nossa terra, que enobrece aquelles a cujos esforços foi principalmente devido o seu fundamento.

Foi a sua criação um grande passo para o desinvolvimento do commercio, e um commetimento aconselhado pelos interesses d'esta provincia, foi uma homenagem aos principios da sciencia economica que eleva, e que exalta as vantagens d'estes estabelecimentos de crédito, aos quaes a Europa e a America deve em grande parte a sua prosperidade.

Porém, se havia quem applaudisse com enthusiasmo tão util estabelecimento, porque via n'ella uma fonte de riqueza para esta cidade e provincia, não falta-

ram tambem espiritos tímidos que se arreceavam das vantagens apregoadas pelos crentes nos principios, e espiritos mal-fazejos que disvirtuaram tão util instituição.

Felizmente, porém o Banco fundouse: a sciencia triumphou; os principios prevaleceram e são taes os interesses que durante a sua curta existencia se tem já auferido, são tão solidas as esperanças na sua progressiva prosperidade, que todos antevêm já n'este estabelecimento um dos mais fecundos mananciaes d'interesses para o nosso commercio, e para aquelles que por meio de acções contribuíram para a sua fundação. As operações de desconto, e os empréstimos e mesmo os depositos de particulares crescem successivamente e em grande escala, porque a confiança cresce todos os dias, e todos os dias se reconhecem mais as vantagens de recorrer ao banco.

Ha porém repugnancias que ainda continuam: ha operações que se podiam fazer em grande escala com evidente proveito, com reconhecida vantagem, mas que são raras, rarissimas até.

E' o deposito dos capitães dos estabelecimentos pios, das irmandades e confrarias. Pois qual será mais vantajoso, conservar os capitães improduttivamente dentro dos cofres d'esses estabelecimentos sem produzirem lucro ou rendimento algum, sujeitos a serem roubados, ou deposital-os no banco, onde esses capitães ganham um juro modico, é verdade, mas que em todo o caso é um rendimento, e com todas as garantias de segurança que aquelles estabelecimentos nunca podem ter? Que inconveniente póte haver em tal operação? Será a difficuldade em haver de prompto esses capitães logo que sejam necessários para mutuar ou para outro qualquer fim? De certo que não, porque entre depositantes e o banco forma-se uma conta corrente de modo que qualquer quantia que os depositantes reclamarem é-lhe immediatamente entregue. Será o receio da perda d'esses capitães? Muito menos, porque o banco é um estabelecimento de credito, cuja prosperidade e desinvolvimento cresce na razão directa da confiança que merecer e

inspirar; e é certo que quanto maior for o capital que n'elles entrar maiores, mais largas, mais variadas podem ser as suas operações, do que devem necessariamente seguir-se maiores lucros, e por consequencia maiores garantias tambem para aquelles que têm n'elles os seus capitães.

Não vemos, pois, motivos para tal repugnancia. Um facto criminoso, ha dias infelizmente succedi-lo n'esta cidade, com relação a uma das confrarias aqui erectas, deve servir d'avisos aos administradores de tão pios estabelecimentos. E' necessario que cessem as apprehensões: é necessario que todos se compenetrem das vantagens d'esta operação e recorram a ella. Ajudemos todos os estabelecimentos uteis, e principalmente quando promovendo o seu desinvolvimento, concorremos tambem directamente para os nossos interesses. Nisto que dizemos não temos outro motivo que nos demova, senão a convicção íntima em que estamos da vantagem que as irmandades e confrarias tirariam d'esta operação, pondo-se ao mesmo tempo a salvo dos riscos a que estão constantemente sujeitas.

Pensem, pois, e reflectam aquelles a quem está confiada a administração de semelhantes estabelecimentos, e cremos que seguirão os nossos conselhos, que não lhes podem ser senão uteis e proveitosos.

REVISTA EXTRANGEIRA

A questão dos principados danubianos, a dos ducados, e a do reino de Italia, são as tres grandes questões que occupam hoje a seria attenção dos gabinetes europeus.

No dia 10 começaram em Paris as conferencias sobre os principados. O que d'ahi resultará não sabemos; mas podemos comtudo apreciar os factos.

A Russia é tenaz em seus principios, a idéa de engrandecer-se e de dominar a Europa tem sido o seu sonho favorito, desde que Pedro o Grande se sentou em seu throno. A impe-

— Sou um homem honrado e um cidadão livre, proseguiu M. Gibson. Pertencço aos Estados-Unidos d'America, e a sua policia não tem que ver com os meus negocios.

— A policia? repetiu Guérac.

— Silencio!... abaixo!... fóra! gritou a plateia a um tempo. Subiu o pano.

Guérac constringido a adiar as explicações para um momento mais favoravel, foi roer o freio para um corredor. D'este observatorio, espreitava M. Gibson para o abocar na passagem.

Mas á sahida do espectáculo, ou acaso, ou premeditação, o Americano evadiu-se pelo corredor opposto.

Guérac sentiu-se fulminado.

Comtudo moveu-se, acotovelou, empurrou com tanta superioridade, que rompeu por entre a multidão, e foi um dos primeiros a apparecer no peristilo.

Era tarde.

Apezar da rapidez com que executou todas as evoluções, M. Gibson tinha-o precedido; Raoul descobriu-o no meio da calçada, subindo para uma carruagem de praça.

Ora, chuva á torrentes, e não se mostrava no horizonte nenhuma outra carruagem disponivel.

Que partido tomar?... Seguiu-o a correr era uma empreza de que só um lebreiro teria sahido bem...

E o coupé já á mover-se!

Com elle hia perder-se toda a esperança de ser apresentado á senhora de Logel.

Raoul teve uma inspiração subita.

Transpoz d'um salto o passeio, attingiu o vehiculo, escalou-o, e arrançou á força um lugar ao lado do cocheiro. Este reclamou; meia libra recalcou-lhe as exclamações no fuado da garganta.

Sorriu discretamente e açoitou os buccinaes.

(Continúa)

FOLHETIM

SEGREDO DE MULHER.

Romance

DE

Eugène Berthoud

Tradução livre

POR

AUGUSTO VALLADARES

(Continuação)

III.

O homem dos aneis d'ouro desceu a rua Vivienne, foi a pé até aos boulevards e ahí entrou n'uma carruagem.

Raoul saltou para um fiacre que passava.

— Sign esta carruagem disse elle apressadamente.

O cocheiro fez estalar o chicote, e cominou logo a reboque do collega.

— Não padece duvida, monologava Raoul, que o meu amigo é pouco expansivo... De que modo conseguirei captar-lhe a confiança? Ah! se os cavallos da sua carruagem se espantassem!... precipitava-me com risco de vida, e havia de salvar este imbecil; elle abraçava-me-hia e em recompensa havia de apresentar-me á senhora de Logel!

Mas os cavallos de praça raras vezes tomam o freio nos dentes. A carruagem depoz o conteúdo, sem incommodo, em frente do theatro da Porte-Saint-Martin.

— Espera! pensou Guérac, dar-se-ha caso que vamos ao espectáculo?... a noite está d'abafar! Fizesse ou não calor, M. Gibson dirigiu-se ao bilheteiro, e pediu uma cadeira, proximo á orchestra.

Raoul apressou-se a imital-o.

Aconteceu porém, que estando a sala cheia, Guérac viu-se forçado a ficar distante da victima, tratou portanto de collocar-se, de modo que podesse cahir-lhe em cima, se houvesse receio d'evasão.

Desconfiança injusta! O homem do chapéo de chuva, já não se lembrava de Raoul; de bocca aberta, enchia a rotundidade da cadeira; os olhos rajados de vermelho, fixos na scena, em vão se esforçavam, por comprehender o que via.

Era uma comedia recheada de milhares de calembours, e o publico todo entregava-se a grande hilaridade. M. Gibson foi o unico que não desarrugou a testa. O dialogo que divertia o povo mais engraçado do mundo, deixou-o a elle a dez graus abaixo de zero. Com tudo, quando as dançarinas surgiram com um pé no ar, os braços em grinalda, e um sorriso postigo nos labios pintados, M. Gibson degelou immediatamente; exhumou das abas do casaco um binoculo monstro limpou-lhe os vidros, e abismou-se n'uma embriaguez comparavel á do verdadeiro crente que entrou o paraizo de Mahomet...

Tudo é ephemero n'este mundo. A queda do pano roubou-lhe esta radiosa perspectiva de vestidos cor de rosa. O homem do coleté azul estremeceu, assoprou como uma phoca, e gagueou as banquetas. Raoul escoltou-o de longe até ao café mais proximo, onde M. Gibson afogou as suas emoções n'uma garrafa de porter.

O primeiro entre-acto foi preenchido d'este modo; mas em todos os que se seguiram renovou as mesmas manobras, com a differença de que variou os refrescos, voltejando do punch ao biscoff e do grog ao cabaz; ás onze horas da noite aquella cara parecia um incendio.

Deus do ceo!... exclamou Raoul assustado, permiti que não lhe dê algum ataque

apopletico, antes de me apresentar á senhora de Logel!

Ao acabar estas palavras dividiu um lugar vago ao pé do homem obeso; Guérac apressou-se a incrustar-se n'elle.

Ao contacto do seu perseguidor, M. Gibson estremeceu da cabeça aos pés. Raoul assentou-se tranquillamente, e proseguiu a historia exactamente desde o ponto em que a tinha interrompido tres horas antes.

— Julgo tel-o informado, senhor, que não descobrindo ninguem, que podesse apresentar-me á senhora de Logel, dirigi-me a sua casa, resolvido a apresentar-me eu mesmo. Como era natural não fui recebido. Escrevi, e nunca houveram cartas, incluindo as de Heloisa a Abelard, mais ardentes, mais loucas. Como era natural tambem não tiveram resposta. Movi ceos e terra, esgotei cem estratagemas, imaginei mil combinações, e nem ao menos consegui despertar a curiosidade d'aquella deshumana. O que faria o senhor n'esta conjunctura?

M. Gibson evidentemente muito agitado, deitava o binoculo para as galerias, para fazer alguma coisa.

— Podia eu, continuou Raoul, fazer-lhe parar a carruagem, ou entrar á força no seu camarote no theatro italiano, para lhe dizer: «Minha senhora, amo-a, e quero casar com v. exc.ª!» Não! as conveniências não o permittem. Ail! e porque não se opposeram ellas a que eu a encontrasse todos os dias no theatro, na igreja, nas corridas, nos concertos!... Sem ella o saber, acompanho-a a toda a parte, sou o seu negro, o seu cão, a sua sombra... misturado com a turba, roubo-lhe impunemente imperceptíveis favores. Vinte vezes lhe recei no vestido, aspirei o perfume de seus cabellos, bebi-lhe os raios do olhar, banhei esta alma na neve de seus hombros nús: outros tantos venenos, meu caro senhor Gibson! Com este modo de vida,

de alegre que era, tornei-me melanclico e magro; até já dizem que faço versos; n'uma palavra, passeio-lhe tantas vezes debaixo das janellas, que os meus amigos julgam-me atacado por uma mania, inda não definida pela sciencia; que elles denominaram: a monomania da rua de Santo-Honorato. O senhor ouve?

M. Gibson agarrou nas suizas com ambas as mãos, e puxou por ellas com raiva.

Tal é, terminou Guérac, tal é, meu caro senhor, o inferno em que vivo, só o senhor me póde salvar, conhece o meu idolo, porque eu vi comprimental-o esta tarde; e o senhor foi gratificado com um signal mysterioso. Em nome do ceo, seja o meu salvador, o meu confidente, o meu pae!... Apresente-me á senhora de Logel, e o meu reconhecimento, a minha amizade, a minha fortuna, a minha vida... tudo lhe dou!...

Se Raoul fallasse chinez talvez produzisse melhor effeito.

A orchestra preludiava para o ultimo acto. M. Gibson, sempre mudo como um peixe, mas reprimindo uma colera violenta, preparou o binoculo.

Este desdem persistente irritou Guérac; tocou-lhe com as pontas dos dedos no hombro.

— Senhor, disse elle, permita-me que o ponha ao facto d'uma circumstancia; que me parece ignorar; e é, que em França toda a pergunta delicada exige uma resposta.

D'esta vez, M. Gibson deu tregnas ao mutismo. Envolveu o adversario n'um olhar embaciado, e respondeu vivamente, com accentuação ingleza extremamente pronunciada:

— Senhor, eu sou dotado de paciencia, e creio tel-o demonstrado?

— Tenho essa convicção.

— Porém, continuou o homem do chapéo de chuva, tenho a preveni-o de que m'incomoda.

— Não é essa a minha intenção, disse Raoul.

ratriz Catharina apontou para o Danubio como estrada recta para Constantinopla.

Consentirá a França e as outras potencias a preponderancia da Russia sobre os principados? Vejamos.

As almas de Talleirand e Metternich encarnadas na de Luiz Napoleão não deixam penetrar um raio de luz na tenebrosa diplomacia de seu espirito.

O author da Galeria dos Contemporaneos illustres diz, na vida do principe de Metternich, que existia um tratado secreto entre Napoleão 1.º e o imperador Alexandre da Russia, em que se estipulava o casamento de Napoleão com a irmã do imperador da Russia, e a divisão da Europa entre os dous.

Querem os sobrinhos realizar o tratado dos tios?

A dynastia do soldado imperador não sympathisa muito com a liberdade dos povos; seu programma é o engrandecimento da familia; sua politica interna consiste em entreter o bom povo francez com triumphos marciais ou diplomaticos. Se o tigre da Russia, não imitando o leão da fabula, quizer dividir a preza com a aguia imperial, esta naturalmente não ha de rejeitar os dous quartos, apesar do seu fiel aliado leopardo lhe dizer que se livre de indigestões.

Foi o exercito russo augmentado com mais 80.000 homens promptos a atravessar o Pruth, com a ostensiva missão de pacificarem o povo com o paternal knout.

Este ultimo acto da Russia bem mostra as suas intenções.

A Prussia e a Austria estão de accordo acerca da questão danubiana, e não podiam deixar de estar.

O interesse germanico pede uma barreira forte contra a desmarcada ambição da Russia. O gabinete de S. Petersburgo não morre de amores somente pelos Dardanellos, namora tambem (e muito!) o Sund. Estes dous braços são-lhe necessarios para dar um apertado abraço na Europa, e fazer-lhe estalar as costellas.

A Inglaterra lá está mirando com seu maritimo telescopio a Russia e a França. Se a França der á Russia o osculo de paz, o gabinete de S. James abre a historia moderna da França, lê as duas paginas da queda de Carlos X, e de Luiz Philippe, e incumbese de escrever a terceira.

A Prussia tem suas vistas fixas sobre os ducados, o Ballico é hoje o seu idolo predilecto. Esta grande potencia continental não quer fazer a continencia ás suas rivaes só com o seu exercito, deseja tambem divertilas com uma regata no Oceano Atlantico, para o que necessita abrir a porta do Ballico, firmando a Dinamarca do cuidado de guardar a chave.

Abrijo do mappa da Italia vê-se uma cinta no centro, com o nome de Estados Pontificios que a corta pelo meio; e no ponto de sua communicação com o continente um lugar importante, chamado — o Veneto. Conhece-se logo ao primeiro intuito que sem estes dous pontos o reino de Italia não tem pés nem cabeça. O senhor da cabeça porém é o Papa, e este nome temido um embaraço para os amantes da integridade da Italia. Nos pés acampanam os soldados austriacos, que estão

de lá fazendo negaças com os horrores do passado aos bons filhos da Italia.

Verá a Italia, n'um dourado futuro, a coroa no Capitolio e a thiara no Vaticano?

Ficará lá a thiara sem a coroa, ou a coroa sem a thiara?

Segundo as ultimas noticias prepara-se no Oriente mais um assumpto para as deliberações diplomaticas.

Tripoli prepara-se para a guerra, e a montanha está invadida por soldados turcos. As forças de Emin-Pachá uniram-se 10.000 osmalins chegados de Constantinopla.

Daoud-Pachá conseguiu que os gregos scismaticos pegassem em armas contra os maronitas e lhes cortassem os viveres, do que resultará a fome de 25.000 almas.

Contudo o turcos não interceptaram totalmente as communicações entre a cidade e o Libano.

Os maronitas atacaram os turcos á arma branca em dous encontros que tiveram, e de ambas as vezes ficaram vencedores.

Damos hoje aos nossos leitores o discurso do sr. Levy, pronunciado na camara electiva por occasião da interpegação pelo mesmo esclarecido deputado, annunciada ácerca dos negocios do Congo. Julgamos ser de maximo interesse para o paiz uma tão grave e importante questão, que prende com o futuro do desenvolvimento, civilização e prosperidade das nossas ricas e invejáveis possessões no ultramar.

Para mais de espaço nos reservamos dar cabida n'este jornal a escriptos que versem sobre o estado das nossas colonias, chamando a séria e energica attenção dos poderes publicos para uma tão sympathica quam sublime cruzada.

Pela exposição franca do nobre conde de Castro, vejo, sr. presidente, que a verdade em relação ao assumpto em questão póde reduzir-se aos seguintes pontos:

1.º A santa sé, sem accordo nem audiência do governo portuguez, e sem a mais leve deferencia para com elle, constituiu no Congo uma prefeitura apostolica, confiando as missões d'aquelle territorio á congregação do Espirito Santo de Paris.

2.º Só teve o governo noticia do occorrido por dois officios do ministro da França n'esta corte, em janeiro d'este anno, vindo assim a França a ter para commosso a differencia que não teve o governo pontificio.

3.º O governo declarou em 3 de fevereiro ao governador e ao bispo de Angola, que não reconhecia como prefeitos vigarios apostolicos os missionarios francezes que n'esse dia seguiam para Africa no paquete.

4.º Ordenou finalmente ao nosso enviado em Roma, que reclamasse immediatamente contra o facto nos termos do officio que o sr. ministro dos negocios estrangeiros, levando a sua benignidade para commigo a um ponto que eu por certo não esperava, feu na sua integra á camara.

Quizera eu, sr. presidente, correspondendo a tão aquilatada fineza, guardar silencio, e votar louvores ao governo; mas por isso mesmo que não entro n'esse assumpto, para fazer questão politica, onde só vejo uma questão de pundonor e dignidade nacional (apoiados), por isso mesmo que eu creio na lealdade das intenções de todos os cavalheiros que se sentam n'estas cadeiras (apontando para as dos sr. ministros); por isso mesmo que desejo dar-lhe toda a força possível para desaggravar a nossa dignidade, e que me vejo forçado a tomar a palavra, apresentando a seguinte moção de ordem, que passo a sustentar:

«A camara, entendendo que no procedimento da curia romana, com relação ás missões do Congo, ha offensa á dignidade nacional, ao nosso padroado no bispado de Angola, ás leis

do reino e á nossa suzerania no Congo, passa á ordem do dia.»

Permitta a camara que eu reorde em breves traços, para justificação dos meus intuitos, a historia da nossa suzerania no Congo, e dos continuos esforços empregados para ali espalhar com a religião santa do Crucificado a civilização.

Das duas viagens de exploração de Diogo Cam em 1484 e 1485 datam a descoberta do Congo, assignalada pela collocação do padrao no cabo d'esse nome na bôca do Zaire, e as nossas relações com os indigenas d'aquella vastissima região. Alguns d'elles trazidos a Portugal pelo descobridor e mandados educar no convento de Santo Eloy em Lisboa, voltaram com outra nossa expedição em fins de 1499; expedição que illustrou o reinado do Senhor D. João II, porque, assegurando-nos a influencia no Congo, trouxe á nossa vassalagem aquelle reino, e estabeleceu n'elle a religião christã com duas missões de dominicanos e conegos de S. João Evangelista, cujos fructos immediatos foram as conversões do senhor do Sonho, do velho rei do Congo D. João, de sua mulher D. Leonor, e de seu filho primogenito D. Alfonso, e a construcção da igreja de Santa Cruz na cidade de Ambusse, que depois tomou o nome de S. Salvador do Outeiro, igreja que mais tarde devia ser elevada a cathedral.

Ficaram sendo os reis do Congo desde então feudatarios tributarios da coroa portugueza, prestando sempre aos nossos monarchas a vassalagem e homenagem, correspondente á Hommage lige do direito feudal; d'entre estas homenagens recordarei apenas, como mais notaveis, as prestadas em 1509 pelo rei do Congo D. Alfonso a El-Rei D. Manuel, em 1579 quando Francisco de Gouveia foi socerir esse reino invadido pelos jagos ou zimbos, e em 1575 á chegada de Paulo Dias de Novaes a Angola; entre as antigas e omitindo outras, a prestada ultimamente em 1869 pelo actual rei do Congo D. Pedro V. Sendo por isso fora de duvida que esse reino é territorio da nossa suzerania ou do dominio d'esta coroa, como escrevia Martinho de Mello e Castro nas instrucções de 22 de junho de 1779 (apoiados), podendo com razão dizer Malte-Bran: *Lys Portugais... sont parvenus à soumettre ce royaume (o Congo) à leur suzerain; e Balbi: Pays caennais; royaume du Congo ou St Salvador; e para que nunca possa entrar em duvida este nosso direito lá temos em S. Salvador, como testemunho vivo de dominio, e posse, a nossa fortaleza, uma guarnição de quarenta praças, duas peças raiadas de calibre trez e uma machina de foguetes á congrève, estabelecimento que lá desde 1855 o rei do Congo, D. Henrique II, nos pedia que ali fizessemos.*

Referindo-me á primeira missão do Congo, origem do nosso direito e suzerania, não posso deixar de recordar o zelo dos nossos antepassados em promover a propagação do Evangelho n'aquellas paragens.

A missão de 1490 succedeu em 1508 a dos conegos de S. João Evangelista, em 1521 outra da mesma congregação, em 1548 a dos jesuitas; em 1570 a segunda da ordem de S. Domingos; em 1581 a dos carmelitas descalços, em 1610 outra de S. Domingos, em 1617, 1650, 1651 e 1666 as dos capuchinhos, etc.; emfim eu não quero cansar a camara fazendo-lhe a historia das nossas missões (Vozes: — Não cansa; falle, falle.) e passando por isso ao seculo XVIII, indicarei n'elles tres missões importantes, a dos barbadinhos em 1778, a enviada no anno seguinte (1779) por Martinho de Mello e Castro, composta de André do Couto Godinho, negro do Congo e bacharel em canones, e de mais vinte e um missionarios, e em 1781 a outra de dez missionarios organizada pelo mesmo ministro; e vindo d'ahi ao seculo XIX farei menção em 1814 de fr. Luiz Maria de Assis, capellão mór do rei do Congo D. Garcia, o qual ali prestou grande serviço á religião; e indicarei em 1855, 1856 e 1857 as missões dos conegos da sé de Loanda, Domingos Pereira da Silva Sardinha, José Tavares da Costa e Moura, Antonio Firmino da Silva Queilhas e em 1865 a do ecclesiastico ali enviado pelo actual bispo de Angola e Congo D. José Lino de Oliveira, missionario que, em resultado da sua dedicação, obteve como unico premio a cegueira de que foi victima em resultado das molestias especiaes d'aquelle sertão. Sirva isto ao menos para mostrar que, se não temos modernamente desenvolvido o mesmo zelo que outrora, nem por isso abandonamos a christandade do Con-

go (apoiados).

Desenvolvida a christandade da nossa Africa a ponto de ser precisa a criação de bispados na Africa, creou Paulo III, a instancia nossa, entre outros, o de S. Thomé pela bulla *Rationi congruit* de 3 de novembro de 1534. Compreendendo esta diocese, alem das ilhas de S. Thomé, Príncipe, Anno Bom, etc., tudo o que vae desde o rio de Santo André ao sul do cabo de Palmas até ao cabo das Agulhas a leste do cabo de Boa esperança; abrangia por conseguinte n'este vasto districto os reinos de Angola e Congo, sujeitos a-sim ao pastoral cuidado do bispo de S. Thomé.

Mas antes d'isso, e alguns annos antes, já no Congo tinha havido um bispo titular D. Henrique, filho do proprio rei do Congo, D. João, o qual foi, depois de educado, promovido ao episcopado por Leão X, a instancias do rei de Portugal, apesar de toda a reluctancia da santa sé, que se manifesta sem reboço no breve *Vidimus que supra* de 3 de maio de 1518.

Tornando-se porém impossivel com o andar do tempo ao bispo de S. Thomé pastorear tão grande rebanho, o papa Clemente VII, a instancias de Philippe II, que então occupava o throno portuguez, desmembrou d'aquella diocese os reinos de Angola e Congo, e erigiu com elles o bispado do Congo pela bulla *Superspectula militantis ecclesiae* de 13 das Kalendaras de junho de 1596, convertendo em sé a igreja parochial de Santa Cruz na cidade de Ambusse ou de S. Salvador do Outeiro, capital do Congo, constituindo o cabido e confirmando por seu primeiro bispo D. Frei Miguel Ranzel, ao qual se seguiram outros até D. Frei Simão Mascenas (1626), que transferiu a se para Loanda, onde se tem conservado até hoje. N'essa bulla é expressamente reconhecido o nosso direito do padroado.

Havia além da sé, em S. Salvador, conventos dominicanos, jesuitas, capuchinhos e outros estabelecimentos ecclesiasticos, a respeito dos quaes escrevia Merola no seculo XVII: *che traevano il mantenimento loro dalla generosa pietà del Portugallo, e além d'isto as igrejas de Santo Antonio (onde estão as sepulturas dos reis do Congo), de S. Pedro, de Santo Ignacio, de Nossa Senhora da Victoria, da Conceição, de S. Thiago, das Sete Alampadas, do Espirito Santo, de S. Miguel e de S. José, todas de pedra, menos a da Victoria.*

Um dos nossos primeiros cuidados no Congo foi a criação do clero indigena, para o que tanto os reis de Portugal como os prelados empregaram todos os possiveis esforços; e com effeito em breve appareceram sacerdotes naturaes do Congo, alguns dos quaes foram notaveis, bastando indicar no seculo XVII o padre Francisco de S. Salvador, parente e capellão do rei D. Garcia, e nos fins do seculo passado o dr. Godinho, que se tornou em canones na nossa universidade, e voltou a missionar no Congo.

A carta regia de 3 de junho de 1617 mandou fundar n'esse reino novo seminario, e em 13 de outubro de 1853 escrevia o governador geral de Angola ao rei do Congo que era intenção de Sua Magestade crear lá um outro, apesar de haver em Angola o seminario diocesano:—

Cumprir advertir que no seculo XVII tambem no Congo entraram missionarios italianos, capuchinhos e barbadinhos, mas a pedido nosso, para auxiliarem os esforços dos nossos missionarios. Conduziram-se sempre bem esses religiosos, reconhecendo a nossa suzerania e direito; e, apesar de serem mandados pela propaganda, estavam sujeitos ao ordinario, e (o que é mais) o seu proprio superior ou respectivos diplomatas e poderes, era nomeado pelo rei de Portugal (apoiados). Indicarei um exemplo, entre outros que poderia apontar, o do padre frei Paulo Antonio de Varazze, prefeito dos capuchinhos, nomeado pelo Senhor D. Maria I, como foi communicado ao bispo e ao governador de Angola em aviso de 1 de julho de 1778.

Vejamos porém, a proposito, qual a nossa legislação sobre missionarios estrangeiros nas nossas colonias. O nosso direito prohibe que elles ali vão missionar, e só podem lá ser admittidos com dispensa de lei, e ainda n'esse caso, sob a condição de embarcarem em Lisboa, e prestarem juramento de obediencia ao governo portuguez, ás nossas leis, ao nosso padroado e aos prelados diocesanos respectivos; juramento estabelecido pelo Senhor D. Pedro II.

Estes principios foram (nem podiam deixar de o ser) sempre religiosamente observados, em relação a todas as nossas colonias; citarei por exemplo, com relação á India, a provisão de 1 de março de 1619 e o alvará de 12 de dezembro de 1630, permitindo aos theatinos italianos, sem embargo de serem estrangeiros; com relação á China o de 11 de março de 1780, autorizando Francisco José de Torre e João Baptista Marchini a passarem áquelle imperio a missionar; e com relação á Africa, as provisões de 12 de novembro de 1650, 20 de setembro de 1651 e 20 de dezembro de 1667, e as cartas de 5 de junho e 1 de julho de 1778, autorizando a admissão de capuchinhos nas missões do Angola e do Congo.

Mas note-se que os senhores reis d'este reino faziam-no dispensando nas leis portuguezas, o que hoje não podia nem pôde fazer o governo, porque estamos n'um regimen politico em que as dispensas de lei pertencem ao poder legislativo; e faziam-no em todo o caso sujeitando esses missionarios estrangeiros a prestarem o juramento a que me referi, e que os curiosos acharão na sua integra em D. Thomaz Caetano de Bem nas *Memorias historicas e chronologicas da sagrada religião dos clerigos regulares* tom 2.º pag. 12 e seg.) sob a epigraphe: *Formula juramenti a missionarios prestandi juxta decretum serenissimi regis lusitanie.*

D'onde resulta que o governo, ainda quando quizesse, só podia ter annido ao proceder da santa sé, porque não pôde hoje dispensar nas leis; e quando mesmo possesse fazel-o, havia de ser com a clausula da obediencia e juramento, vindo assim a haver na introdução dos missionarios francezes nas missões do Congo uma duplicada offensa ás leis do reino.

E por incidente notarei que este juramento sobresaltou a congregação da propaganda, sobretudo em relação ás missões da India e da China, *fora do nosso dominio temporal*, porque deu logo instrucções aos prelados de todas as religiões declarando-lhes que esse juramento de nada valia, e absolvendo os missionarios da sua observancia! O sr. Rivara, que tão valiosos serviços está prestando na India ás letras patrias, fez o serviço de dar a publico esse decreto da propaganda, que descobriu no archivo da ordem de S. Domingos em Goa! Isto não se commenta...

A santa Sé portanto entregando as missões do Congo á congregação franceza de Espirito Santo de Paris e dispondo assim, embora pelo lado ecclesiastico, de territorios do nosso dominio, atacou o nosso direito do padroado (apoiados) e as leis do reino (apoiados), attenção contra nossa suzerania no Congo (apoiados); e fazendo tudo isto sem a mais leve consideração para commosso, e como se não existissemos ao menos no mappa das nações, atacou sobretudo a nossa dignidade (muitos apoiados).

Esta congregação do Espirito Santo, á qual Roma (não sei se em resultado de um plano seu, se servindo apenas de instrumento a alheios interesses), entregou aquellas missões, é composta de duas congregações fundadas em 1818 n'uma só por decreto da santa sé de 26 de setembro d'esse anno; a du *Saint Esprit*, fundada em 1703 por Desplaces, e a de *Immaculé Cœur de Marie*, estabelecida em 1811 por Liebermann, e a cargo d'ella estão hoje as missões francezas do Senegal e da Guiné franceza.

Notarei, e cumpre não esquecer, que as tentativas dos missionarios francezes para invadirem as nossas missões do Congo datam do seculo passado.

Foi a primeira em 1768; embarcando alguns d'elles em Nantes para Loango, foram estabelecidos ao norte do Zaire em Cacongo, procurando atrahir a Kingale os negros do Sonho, o mais importante districto do Congo; mas dois annos depois, 1770, fugiram, porque não poderam resistir ao clima.

Foi a segunda em 1773; outros missionarios da mesma nação tentaram estabelecer-se tambem ao norte do Zaire em Kílongo, mas já em 1776 haviam desaparecido.

Foi a terceira em 1777; quatro padres vindos de La Rochelle procuraram penetrar no Sonho; mas tendo dois morrido logo, os outros dois fugiram com receio dos negros, de que iam sendo victimas.

Até aqui essas tentativas, que a curia romana não apoiava, pelo menos abertamente, foram infructuosas, e o nosso padroado teve no clima e na sympathia dos negros para commosso uma protecção severamente effcaz.

(Continúa)

FOLHETIM

HARMONIAS DO INVERNO

(Concluída)

Ainda algumas palavras a respeito dos adornos do inverno.

O inverno não interessa a vista que quer ser lisongeada, mas o pensamento, que calcula, e julga. É contudo não é despedido de todo o ornato, de todo o movimento. Assim na floresta o pinheiro, a faia, a melissa conservam a sua folhagem completa. A hera, que matiza o tronco do velho ormo, nelle mantem verdes todas as suas folhas, assim como o buxo que se implanta nas fendas das rochas, assim como o teixo, que ergue nos parques a sua verdejante pyramide. Posto que a natureza recolha todas as suas forças, para melhorar as desenvolver em tempo opportuno, a sua vitalidade todavia não é tão latente, que não seja sufficientemente affirmada. A niveola desabrocha nos lugares mais selvagens, e a violeta levanta-se do seio da neve, como sempre a esperança do fundo das nossas dôres. Nem tão pouco está inanimado o horizonte. Basta ver as activas pesquizas do melro e do pardal, destes caçadores, destruindo á porfia innumeraveis insectos, que mais tarde devorariam todos os nossos fructos. Desejam ainda uma scena mais divertida? vejamos o combate que se trava entre o melharuco teimoso e a carriça pouco tolerante. O objecto em litigio é tão pequeno, que escapa talvez á vista; é um corpusculo esquecido pelo vento.

E contudo a lucta é longa e encarniçada, porque os tempos estão criticos, os alimentos caros, e demais o amor proprio está comprometido. Por isso ouvimos gritosinhos agudos, e breves; olhae como os bicos se aguçam e cruzam, como as pequeninas azas crepitam e embatem, como alternativamente cada um d'estes athletas exigiuos ataca, e esquiva, e defende, até que por fim o combate termina d'ordinario por uma fuga reciproca, depois d'uma partilha mais ou menos desigual. Esta scena interessante passaria desaperccebida entre os numerosos episodios, que animam a primavera, o estio e o outono, mas agora o

dramasinho agrada-nos, e diverte-nos porque reduzida a estas pequenas proporções, a colera torna-se comica, e tanto mais, quanto maior é o contraste com a attitude inerte, e sombria da natureza. E mais ainda, será effectivamente verdade que o Inverno não tenha os seus enfeites, como as outras estações? Vejamos se podem contar os diamantes de mil facetas, mil côres, que a geada suspende do telhado da cabana, e da flecha do castello. Não parece que o maravilhoso lapidario quer compensar pela elegancia e variedade das gemmas a sua dehcada consistencia, e a sua curta duração? E se estas joias, tão depressa destruidas, pelo mesmo raio que tão esplendorosamente as faz scintillar, não excitam mais que uma vulgar curiosidade; colloquemo-nos n'outro ponto de vista, e vejamos se para a alma meditativa, ha coisa mais imponente, mais solemne, que o aspecto do horizonte, quando, no socego mysterioso da noite, a lua, então soberana do firmamento deixa-cabir a sua luz, branda e pura, sobre a tunica branca da terra adormecida!

Um espirito frivolo imagina talvez, que a terra seria para o homem uma habitacão deliciosa, se n'ella por toda a parte reinasse uma primavera eterna. Mas a menor reflexão vem dizer-nos, que as magnificencias do anno seriam impossiveis, sem as reservas abundantes do Inverno. E depois, familias inteiras d'animaes e de plantas latariam nos diversos pontos, da serie organica; teriamos flores e verdade, mas seriamos, privados de fructos, e não só as proprias flores seriam em menor numero, mas tambem não nos pareceriam tão bellas, pela sua continua e monotonia uniformidade. Infelizmente nem sempre sabemos reflectir, e immensas vezes a ignorancia diminua para nós o valor das coisas. E' raro, por exemplo, considerar seriamente as decorações singulares que a geada desenhava nos vidros de nossas janellas. Todos sabem que, esfriado no exterior, o vidro a seu turno esfria o ar quente das nossas quartas, e obriga-o assim a depor na sua superficie interior em formas cristalinas, o vapor d'agua de que está saturado. Muito bem.

Mas qual é a lei que preside a esta cristallisação tão maravilhosamente geometrica? não o sabemos. Devemos pelo menos saber achar ali uma lição; e effectivamente, estas apparencias floreaes tão graciosas, e que desaparecem ao primeiro olhar do sol, não são a imagem dos erros seductores, que a verdade dissipa, mostrando-se?

Colloquemo-nos um pouco mais alto, porque ha uma harmonia moral do Inverno, que importa sobre tudo assignalar. De facto esta estação que nos torna mais recolhidos e nos dispõe a melhor reflectir, é a propria a off-recer-se ás nossas meditações, como imagem da triste e fria velhice, e para dar-nos uma alta e consoladora lição. Sim, o Inverno faz em roda de nós o silencio, como a velhice o isolamento; O Inverno aniquilla pouco a pouco todos os incantos do anno, como a velhice todas as illuzões da vida; mas preparando debaixo d'uma apparente destruição o renascimento continuo da natureza, O Inverno ensina-nos que, se a velhice conduz ao tumulo, o tumulo na realidade não é senão o vestibulo d'um mundo, que nunca deve acabar.

NOTICIARIO

Ephemerides. — Quinta feira 22 Principio da aurora ás 4 horas e 22 minutos. Nascimento do sol ás 6 horas e 14 minutos. Occaso do sol ás 6 horas e 9 minutos.

Lausperenne. — Expõe-se hoje na igreja dos Congregados o SS. Sacramento. No sabbado ao meio dia expõe-se na igreja de S. Vicente.

Festa das Dóres. — Festeja-se amanhã com toda a magnificência e solemnidade as dóres da Virgem Sanctissima, na igreja dos Congregados. Hoje de tarde cantam-se vespóras acompanhadas com grande orchestra. Prêga amanhã o distincto orador sagrado o Revd.º Abbede de Requiao.

Entrega e despedida. — O sr. dr. Antonio Francisco Tavares, muito digno Delegado do Procurador Regio n'esta comarca e ultimamente transferido para identico logar no 4.º vara de Lisboa, fez na audiencia 2.ª feira a entrega da delegacia. Por essa occasião agradeceu tanto aos meritissimos juizes os snrs. Campos e Queiroz como aos snrs. escrivães e empregados de justiça, a maneira benevolenta por que sempre o trataram, louvando-os a todos pela sua honradez, honestidade, zelo e actividade no serviço e protestando-lhes a sua gratidão e saudade. Ficou exercendo interinamente as funções de delegado o sr. dr. Penha Fortuna, que n'esse mesmo acto tomou posse, e prestou juramento.

A Companhia Viagem Portuense. — É insuportavel o estado em que se acha a estrada d'esta cidade á do Porto. São tantos e tamanhos os balancos dos carros, por causa do pessimo estado da estrada, que se assimelham aos d'uma viagem por mar.

Pedimos á companhia que se digne providenciar para que se repare e concerte a estrada, pelo menos nos pontos onde está mais arruinada.

Partida. — Parte hoje para o Porto o nosso amigo e distincto orador sagrado o sr. conego Joaquim Alves Matheus, que alli vai prègar o sermão das Dóres.

Outra. — Chegou na 3.ª feira a esta cidade e partiu hontem para Vianna do Castello o nosso amigo o sr. Antonio de Mello Varajão, ex-secretario geral do Governo de Angola, o qual exerceu com muito zelo e intelligencia aquelle importante cargo.

Outra. — Partiu domingo para o Porto o honrado negociante e capitalista d'aquella praça, o sr. Bento Luiz Ferreira Carmo.

Agradecimento. — Agradecemos ás illustradas redacções de todos os jornaes, que nos tem feito o distincto obsequio de trocarem com o Partido Liberal.

Assassinato. — Na noite de 17 para 18 do corrente appareceu assassinado um infeliz rapaz da freguezia de Sande do concelho de Villa Verde.

A victima era unico filho de um lavrador d'aquella freguezia e exercia o officio de barbeiro, e tendo sahido no sabbado de tarde da casa paterna para servir os seus freguezes, não havia voltado, o que moveu o pae a hir procural-o. Mas qual não foi a sua dôr quando encontrou seu filho estendido no chão sem dar signaes de vida?

O infeliz pae principiou por bradar por soccorro; acudindo os visinhos mais próximos, e examinando a causa de tal acontecimento, conheceram ser um grave ferimento que o finado tinha na cabeça produzido por um golpe de enxada.

O defuncto, era bem morigerado e não se lhe conheciam inimigos, o que mais sensibilizou os seus visinhos, que não sabiam explicar a cauza de tão barbaro acontecimento.

Emfim, principiou a suspeitar-se que rivalidades amorosas foram a cauza da desgraça.

E procedendo-se ao auto do corpo de delicto, a que assistiram as auctoridades judicarias da comarca, por essa occasião o substituto do sr. juiz de direito, o sr. Antonio de Campos, vendo que as suspeitas recahiam em um outro rapaz da mesma freguezia, e que contra elle haviam alguns indícios que levavam a crêr que elle fôra o autor de tão barbaro attentado, mandou-o pôr em custodia a fim de habilitar a justiça a proceder contra este criminoso.

Oxalá ella descubra o verdadeiro assassino, para que a sociedade seja vingada, e não pague o justo pelo peccador.

Junta geral de Vianna. — Nos dias 14 e 15 occupou-se a junta de trabalhos em commissões.

Na sessão de 16 o sr. procurador Matheus Barbosa leu e mandou para a meza as seguintes propostas:

— 1.ª Para que a junta consulte o governo, conforme o fez nas sessões de 1860 e 1861, a fim do julgado de Coura ser elevado á comarca, quando sejam extinctos os juizes ordinarios

— 2.ª Para que a junta consulte tambem, conforme o fez em sessões anteriores, a fim de ser creada uma bibliotheca publica na cabeça do districto, para cujo nucleo sirvam os

livros dos extinctos conventos, que existem no archivo do governo civil, offerecendo-se a junta a pagar para as primeiras despesas com este estabelecimento a quantia de 200\$ 000 reis, que serão derramados logo que o governo determine o mesmo estabelecimento. Foi approvedo.

O sr. procurador Faria Machado propoz para que se consulte o governo sobre a necessidade da creação de uma comarca na villa da Barca em vez do julgado actual, acrescentando-lhe algumas freguezias da comarca de Villa Verde e a de Sancta Cruz de Ponte de Lima. Foi approvedo.

Foram igualmente approvedas duas propostas do sr. procurador Luis Barbosa: — a primeira para que se consulte sobre a necessidade da immediata construcção d'um caes d'embarque junto a Valença, que dê serviço ao grande movimento entre aquelle ponto e a margem fronteira de Galliza; — a segunda para que se consulte tambem para ser tida na devida consideração a representação que a camara municipal de Valença dirigiu a Sua Magestade em 24 de fevereiro ultimo, respeito á mais conveniente directriz da estrada de S. Pedro da Terro a Coura.

Deliberou-se por unanimidade que a junta ponderasse todas as vantagens commerciaes e agricolas, que resultam de cada uma das estradas pedidas, comparando-as entre si, e classificando-as da forma seguinte:

1.ª De Valença a S. Gregorio por Monção e Melgaço

2.ª De Valença a Ponte da Lima por Coura.

3.ª De Ponte pela Barca a Lindoso, em continuação da de Vianna a Ponte; e de Caminha a Ponte, conforme ja foi deliberado, não estabelecendo preferencias entre umas e outras, porque as julga de igual conveniencia e necessidade.

4.ª De Ponte a Barcellos pelo Freixo; e de Ponte para o Carregadonro, não as classificando entre si, pelas mesmas razões das duas anteriores.

Tal classificação contudo não prejudicará a rapida construcção de qualquer d'estas estradas, quando porventura, por quaesquer motivos, possam fazer-se de preferencia.

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos assignantes da cidade ou de fora, que por acaso não hajam recebido alguns numeros do Partido Liberal—o favor de nol-o participarem, afim de darmos as devidas providencias.

RELIGIÃO

MARÇO 22.

S. Nicolau da Rocha 1

Nasceu a 21 deste mez, no anno de 1457, na aldêa de Sasser, na Suissa.

Morreu no anno de 1487, tendo 70 annos de idade, vinte dos quaes passou no ermo. Na mais tenta idade já mostrou uma razão tão esclarecida e tanta inclinação para o bem, que diziam ter recebido no berço o perfeito uso da razão.

A humildade e a penitencia foram as joias preciosas que adornaram a aureola gloriosa deste sancto confessor.

Traspassado de dôr prophetisou que as heresias de Lutero, Zuingle e Calvino, haviam de dividir, no futuro, os suíços e allemães.

MEDITAÇÃO PARA O DIA

Dum tempus habemus, operemur bonum. GAL. 6.

Façamos o bem em quanto temos tempo.

Non defrauderis a diebono, et particula boni non te pretereat. ECCL. 114.

Façamos bom uso d'estes dias tão preciosos. e não percamos um só momento de um tempo que Deus nos dá para a nossa salvação.

MARÇO 23.

As Dóres de N. Senhora

Imenso era o sacrificio que na Cruz remia a humanidade do pesado jugo do peccado, immen-a tambem era a dôr da immaculada Mãe da Sacrosancta Victima, porque, essa dôr abrangia o infinito!

A penna d'um mortal não pôde descrever tal dôr, a palheta mesmo d'um anjo a não poderia pintar. O discipulo-amado, o evangelista S. João, que bebeno sei do Redemptor as inspirações do Ceo, só diz: Em pé junto á Cruz de Jesus estava Sua Mãe. O inspirado Evangelista, que derramou mares de luz no abysmo do Verbo, só tem um—Stabar—para descrever a dôr de Maria. Sim,

1 Na vida de alguns sanctos teremos de seguir o calendario francez.

essa dôr so a comprehendeu, na terra, o Filho que da Cruz pendia!

MEDITAÇÃO PARA O DIA

Stabat juxta crucem Jesu Mater ejus

Em pé junto á Cruz de Jesus estava Sua Mãe.

Sancta Mater, Crucifixi fige plagas corde meo valide.

Sancta Mãe, estampai bem em meu coração as chagas do Crucificado.

MARÇO 24.

Instituição do Sanctissimo Sacramento

Na vespera de sua paixão o Divino Mestre quiz deixar aos homens a maior prova do seu amor.

Ceando com seus discipulos instituiu o Sacramento da Eucharistia.

Este sacramento é a maior prova que o Redemptor podia dar aos homens de sua infinita caridade.

Não satisfeito o amoroso Pae de sacrificarse na cruz pelo genero humano, quiz permanecer com elle até a consumação dos seculos n'este sacramento de ineffavel amor.

MEDITAÇÃO PARA O DIA

Invenit quem diligit anima mea, tenui eum, nec dimittam. CANT 3.

Achei o amado da minha alma; na Eucharistia o possuo, nunca d'elle me separarei.

Dilectus meus mihi: et ego illi. CANT 2

O meu amado é todo meu, e eu todo d'elle.

CORREIO DHOJE

Lisboa 20 de março.

(Do nosso correspondente)

Na reunião da maioria tractou-se, como annunciiei na primeira correspondencia, de pôr em bom andamento os trabalhos parlamentares.

Accordou se em discutir quanto antes o orçamento, adiando-se por isso o projecto de desamortisação. O sr. M. da Fazenda disse que este hade ser convertido em lei ainda antes de se enserar o parlamento.

Não se fallou de modificação ministerial.

Que isto não pese aos amadores de novidades.

Eu, sem ter escutado ainda as syllabas da politica, atrevo-me a affirmar que se pensa em substituir os sr's. Conde de Castro e Visconde da Praia Grande. E quem sabe mesmo se o sr. A. Barjona irá naufragar nos escolhos do casamento civil?

Como quer que seja, o que parece averiguado é que não haverá alteração no ministerio antes de terminada a sessão legislativa.

Hontem não houve sessão na camara dos Pares por falta de numero.

Succede isto frequentes vezes, certamente para melhor expediente dos negocios publicos!

A camara dos Deputados trabalhou primeiramente em sessão secreta.

Os segredos que lá se disseram, toda Lisboa os sabe, e como não quero que a provincia fique invejando a capital,ahi não elles.

Tratou-se do contracto Ballestrini.

A companhia, de que é representante este nome, propõe ligar a Europa com a America por um telegrapho submarino, que tocará na Ilha da Madeira e em Cabo Verde.

Para este fim celebrou-se já uma convenção entre Brazil, Republica do Haiti, Portugal, França e Italia.

Pendia esta da approvação das Côrtes, quando Ballestrini apresentou, para ser approvedo juntamente, um protocolo, o qual contém o contracto e condições entre o governo Portuguez e a companhia.

Em janeiro intendeu a commissão dos negocios diplomaticos que não convinha o contracto por varias razões, entre as quaes resultava o serem em estremo vazas e indeterminadas algumas das clausulas.

Ora parece que no entretanto Ballestrini deu explicações, com que de tal fórma satisfiz á mesma commissão

que esta propõe agora que se approve o protocolo.

Mas voltemos ao que se passou em S. Bento.

Fallaram os snrs. Carlos Bento, Ayres de Gouvêa, Sant'Anna e Ferreira e Vasconcellos.

Parece que o sr. Ayres se explicou bem, que o sr. Bento falou sizudamente. Mas o sr. Sant'Anna, esse deitou alguns ditos ao sr. Teixeira. Agora não sei em que linguagem respondeu este cavalheiro.

Ja a mim me perguntaram se elles se bateriam á espada se á pistola.

O caso é que apoz muita discussão resolveram mandar o protocolo á Commissão de Fazenda, que segundo a lei deve ser ouvida em quanto demandar augmento de despeza publica.

Asseguram-me que esta ida á Commissão é arteirice que desfarça um adimento.

Terminada a sessão secreta continuou a discutir-se o projecto de Lei para a livre entrada dos vinhos portuguezes na Ilha da Madeira.

Parece que tambem ficará de remissa.

Na proxima correspondencia contarei o que averiguar.

No fim da sessão houve um incidente picaresco entre o Presidente da Camara dos Deputados e o sr. José Julio d'Oliveira Pinto.

Este cavalheiro dirigiu-se ao sr. Dr. Cesario a perguntar-lhe qual quer coisa; o Dr. que estava em momento de genio folião respondeu-lhe voz em grita. Com isto se abespinha o sr. José Julio e... agrca verás... eis que os dois começam uma pratica em tal estylo, que a Camara foi obrigada a intervir. Estes dous cavalheiros são muito boas pessoas, homens de muita intelligencia e eximios patriotas, mas um é de Tras-os-montes e outro de Poiares, terras d'onde o geral da gente a todas as virtudes individuaes e sociaes junta uma franqueza demaziadamente primitiva.

El-Rei visitou hontem o hospital de S. José. Era o dia do Sancto d'este nome, e é de festa para aquella casa.

D'antes era livre a entrada em tal dia, mas por inconvenientes que d'ahi provinham, hontem apenas se concedeu entrada a pequeno numero de pessoas.

Fomos dos privilegiados, e podemos verificar com os proprios olhos o que ouvimos do accio e boas condicções do hospital.

Á noite tivemos em S. Carlos o Guilherme Tell—Era o beneficio de Mongini.

Da opera nada direi, para não fazer como se as rãs tentassem dar cruta das melodias do rouxinol.

Mongini e Squarteria cantaram admiravelmente. A sr.ª Jono que hontem se estreeou não foi applaudida. Dizemos que foi hontem a primeira vez que cantou em theatro publico, por isso não nos aventuramos a dizer o que entendemos da sua voz e methodo de cantar.

— Até esta hora, 2 da tarde, apesar dos telegrammas que para diferentes pontos se tem dirigido, nada se sabe a respeito do desaparecimento do vapor «Mindello» que sahiu do Tejo quarta feira, levando a seu bordo o infante D. Sebastião.

Diz-se que antes de se retirarem para Mafra SS. MM. El-Rei o senhor D. Luiz e sua augusta esposa tencionam ainda dar um sarau no paço.

— O inverno tem continuado tempestuoso, e tem causado grandes prejuizos aos lavradores, nos campos da Gollegã, que estavam sementeados, e que se acham cobertos d'agua.

Tivemos occasião de assistir ao concerto que no sabbado ultimo teve logar no Casino Lisbonense.

O salão achava-se ornado com muito gosto e apresentava um aspecto deslumbrante Apesar do pessimo tempo que fazia, a concorrência foi a maior possível; a sala estava completamente cheia. Nem era d'esperar que assim não succedesse, bastava o fim philantropico que elle tendia para que todos da melhor vontade se prestassem a concorrer com a sua parte para o seu bom resultado

O producto d'este concerto foi destinado a soccorrer os desgraçados que mais soffriam com as ultimas inundações que tantos estragos causaram em Alhandra e mais povoações circumvisinhas

Louvores, e bem merecidos, sejam

dados ao sr. Dathi a quem cabe as honras d'este pensamento, e que se não poupou a fadigas e trabalhos para levar a effeito tão carictativa ideia.

Damos-lhe os nossos sinceros parabens por ver coroados de tão feliz exito os seus esforços.

As peças que foram executadas n'este concerto são as seguintes:

A grande cavatina de *Haydro as sete palavras de Chris'o*, e mais *la Charité*, trio para piano, harmonium e rebeca, um adagio para violoncello; o solo de tenor do *Sbat-mater*, e finalmente a *Creghira* da opera Moysés.

Foi, n'uma palavra, um concerto brilhante, e muito mais sendo os exeutantes pela maior parte amadores. O publico lisbonense, que alli concorreu deves-lhes o passar algumas horas delectosissimas, e ao mesmo tempo a occasião que lhes proporcionaram para auxiliar uma obra tão pia.

VARIEDADES.

Espectaculo extraordinario na Italia.

No anno de 1304, os habitantes do districto de San-Borgo annunciaram que dariam uma representação do que se passa no outro mundo, aos espectadores que quizessem reunir-se na ponte de Carrara.

Juntou-se uma multidão innumeravel no logar indicado, onde desenrolando a seus olhos, nos barcos e jangadas preparados no rio, as regiões infernaes, lhes fizeram ver condemnados atormentados por demonios, de mil formas hediondas e espantosas, dando gritos terriveis, que enchiem de terror todos os espectadores. Porém no meio d'estas bizarras execuções, a ponte, que era de madeira, abateu, e os desgraçados espectadores tornaram-se os actores principaes da tragedia.

Castigo applicado na antiguidade a algumas mulheres.

Entre as penas mais curiosas, usadas na idade media, em França, Alemanha, e Norte da Europa, a da *pedra ao pescoco* era ainda muitas vezes applicada no seculo XVII.

As columnadoras eram condemnadas a percorrer as ruas da cidade, levando uma pedra suspensa ao pescoco; se a falta era mais grave ia adiante d'ellas uma corneta, e davam tres voltas em roda da casa da Camara, nos dias de feira. A principio costumavam atar-lhe um cão, uma roda de charrua etc. porem depois foi sempre uma pedra, cuja forma differia segundo os paizes.

Algumas vezes esta pedra era da fórma da cabeça d'uma mulher, com a lingua de fóra, como a d'um cão fatigado; outras vezes era uma garrafa que se chamava «a garrafa do carrasco» d'ahi veio o proverbio «beber da garrafa do carrasco».

Um monumento funebre dos habitantes da Nova-Hollanda.

Depois d'um combate entre duas tribus das visinhanças, de Wolombi, foram sepultados do seguinte modo, no meio d'uma linda paisagem quatro homens e duas mulheres, que tinham sido mortos. Collocaram os quatro homens em fórma de cruz, deitados de costas, cabeça com cabeça, e prenderam cada um a uma taboa; em seguida cobriram-os de terra.

As duas mulheres com as pernas e braços dobrados e presos ao pescoco, foram collocadas com a cabeça para baixo, e cobertas com dois cones de terra, cada um de tres pés d'altura. A regularidade que estes selvagens observaram na estrutura da cruz e dos cones era surpreendente; o mais escrupuloso observador teria difficuldade em encontrar a menor differença de fórma. Formaram em volta uma zona de trinta pés de diametro, e cobriram-a com pedaços de casca d'arvores, dispostos do mesmo modo, que as telhas nos nossos telhados.

Em todas as arvores proximas gravaram figuras toscas representando kangourous, serpentes etc. e tambem armas de que usavam. No centro da cruz enterraram quatro clavos, com o fim dizia em indigena, de que os mortos tivessem armas, para expulsar o diabo, quando chegassem a levantar-se, e que este inimigo dos homens quizesse de novo arrastal-o para o mundo.

Fazer castellos em Hespanha.

Esta locução tem a origem seguinte; sabe-se que os mouros invadiam frequentes vezes a Hespanha; para que ellesahi não podessem demorar-se e estabelecer-se, os naturaes do paiz não podiam edificar castellos no campo, de que seus inimigos se apoderassem, e onde podessem refugiar-se. por É isso que se diz de quem sonha coisas impossiveis, que *faz castellos na Hespanha, torres de vento ou castellos no ar.*

